

DO PRÉ-URBANO AO URBANO: A CIDADE MISSIONEIRA COLONIAL E SEU TERRITÓRIO

Arno Alvarez Kern

1 As Missões Jesuítico-Guaranis: cidade ideal ou cidade idealizada?¹

No século XVIII, Charlevoix² escreveu que os jesuítas haviam estabelecido planos completos, aprovados pelos reis da Espanha, sugerindo que eles seriam uma criação exclusiva. Mais recentemente, afirmou-se que todos os planos urbanos destes povoados missioneiros eram não apenas semelhantes uns aos outros, como nas obras literárias utópicas, mas, igualmente, uma “unidade urbana e rural planificada com rigor”³.

Estas interpretações, pela sua superficialidade, não se dão conta da complexa herança histórica, ao mesmo tempo ameríndia e europeia, materializada nestes importantes sítios arqueológicos.

Sempre afirmou-se que o plano urbano destes povoados seguiram as famosas “Leyes de Indias” dos soberanos espanhóis. Entretanto, mesmo se esta afirmação, muito geral e superficial, é uma verdade histórica, ele não esgota e nem resolve plenamente o problema. Uma análise mais aprofundada desta iconografia nos evidencia as relações muito estreitas com os modelos estabelecidos por duas fortes tradições culturais, a europeia e a indígena. Este plano urbano revela uma série de padrões relacionados às normas milenares materializadas nas aldeias dos horticultores da floresta tropical e subtropical, e às planificações urbanas inovadoras do Renascimento. Entretanto, o

1 HAUBERT, Maxime. *Des indiens et des jésuites du Paraguay au temps des missions*. Paris: Hachette, 1967. KERN, Arno Alvarez. *Utopias e missões jesuíticas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

2 CHARLEVOIX, P. *Histoire du Paraguay*. Paris: Didot, 1756.

3 A citação se refere ao plano como sendo fruto de um projeto original de implantação de uma nova forma de sociedade, denominada por seu autor de “socialismo missioneiro”. In: FREITAS, Décio. *O socialismo missioneiro*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1982. p. 44. A crítica a este tipo de análise pode ser encontrada em: MÖRNER, Magnus. *The political and economic activities of the Jesuits in the La Plata region*. Estocolmo: Liv. Instit. Estudos Iberoamericanos, 1953. p. 196, e em KERN, Arno Alvarez. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1982. p. 208-213.

que deveremos destacar neste trabalho são as semelhanças e as diferenças existentes entre as Missões Jesuítico-Guaranis e as experiências realizadas na Europa da Idade Média, com as construções dos mosteiros medievais.

2 O plano urbano das Missões jesuíticas platinas: um estudo de caso

As pesquisas desenvolvidas na Biblioteca Nacional de Paris⁴, nos quadros do projeto Pró-Prata, levaram à descoberta de um novo desenho policromo, do sítio arqueológico de São João Batista. Ele nos permite muito bem analisar o processo de implantação dos “Pueblos de Índios”, estas aldeias novas fundadas para a instalação dos guaranis nas fronteiras do império espanhol platino.

O objetivo principal deste trabalho será o de apresentar os resultados ainda parciais e, portanto, incompletos, das pesquisas que se desenvolvem atualmente tendo como referência este magnífico documento iconográfico de meados do século XVIII. O trabalho aqui desenvolvido é uma abordagem contextual, de caráter crítico e reflexivo, tendo como alvo o processo de urbanização do povoado missioneiro, e como estudo de caso o povoado de São João Batista. A análise da morfologia e do plano destes “Pueblos de Índios” coloniais, relacionado às práticas sociais, às mentalidades urbanas e aos aspectos simbólicos subjacentes, é tarefa extremamente difícil. Além disso, exige uma abordagem complexa de confrontação entre os dados provenientes de diversas fontes primárias (iconográficas, da cultura material e escritas), mas igualmente da bibliografia especializada existente⁵.

2.1 Adoção do plano e das normas relativas a ele

As normas relativas ao plano urbano não apenas impõem mas igualmente propõem uma relação das estruturas materiais observadas, tanto nos levantamentos topográficos realizados no sítio arqueológico como no estudo da iconografia descoberta, com o seu contexto histórico. Os estudos contextuais, sejam históricos ou arqueológicos, são abordagens teóricas de médio alcance, ultrapassando os estudos pontuais sem atingir as visões especulativas da totalidade do processo histórico da humanidade. Eles englobam tanto o cenário do ambiente natural como os aspectos socio-culturais dos personagens históricos em presença⁶.

4 Pesquisas realizadas pelo autor na Seção de Mapas e Planos, da Biblioteca Nacional de Paris, França, em 1995.

5 HAROUEL, Jean-Louis. *Histoire de l'urbanisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995, p. 3.

6 Segundo Ian Hodder, uma análise contextual arqueológica pode ser assim caracterizada: “Numa primeira abordagem, o contexto a ser analisado se refere tanto ao contexto ambiental como ao das sociedades presentes na área em es-

Não serão desenvolvidos aqui as relações entre o sítio urbano e o cenário, o espaço ambiental, ainda a serem estudados nesta pesquisa em andamento⁷. Nossa análise se desenvolverá na reconstituição das relações que nos evidenciam os ritmos e as formas da vida social e da cultura, tanto dos seus aspectos materiais como simbólicos.

Durante a primeira etapa histórica das incipientes missões, percebe-se que o plano urbano já se articula em torno de uma praça central e da igreja. A distribuição das estruturas já é muito precisa e ordenada. Entretanto, não é ainda tão complexa como posteriormente. Um exemplo deste primeiro ordenamento pode ser constatado em um documento de 1613, escrito por Roque Gonzales⁸, que descreve a implantação de um dos primeiros povoados construídos no Tape, no atual Rio Grande do Sul. Esta fundação de inícios do século XVII refere-se ao espaço da praça central, à igreja e à organização das casas retangulares em conjuntos ao redor do espaço central.

Poderíamos pensar, inicialmente, que este novo urbanismo se deve tão somente às “Leyes de Indias”. Com efeito, desde o século XVI os soberanos espanhóis tornam explícitas em leis as normas que devem organizar as novas cidades coloniais. A cidade deve ser projetada, as ruas e os quarteirões de casas deverão ser traçadas “com régua e corda”, caracterizando-se por serem inteiramente regulares e geométricas⁹.

No decorrer do século XVIII, período do auge destes povoados, percebe-se que o plano evidencia uma longa reflexão. São mantidos muitos dos aspectos formais que tiveram sucesso e foram satisfatórios no passado. Entretanto, o plano é completado, sempre tendo em vista a sua coerência. Percebe-se que o complexo conjunto está agora perfeitamente estruturado, nada ocorrendo por acaso. Poderíamos concluir, afirmando que estamos em presença de um modelo que traz consigo uma exigência absoluta, sem deixar de evidenciar, entretanto, que é um modelo

tudos. Numa segunda abordagem, o contexto se refere tanto aos aspectos arqueológicos da cultura material quanto aos seus significados simbólicos”. In: HODDER, Ian. *Reading the past. Current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 118-146. A abordagem seguida foi plenamente explanada em dois trabalhos do autor deste artigo: “Aspectos teóricos e metodológicos da Arqueologia Histórica do Rio da Prata”, publicado nos *Anais do VIII Congresso de Arqueologia Uruguia*, e “Método e teoria no projeto Arqueologia Histórica Missioneira”, no primeiro volume da *Coletânea Arqueologia* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995-96, p. 181-202).

7 Estes aspectos da arqueologia espacial podem ser obtidos em BARCELOS, Arthur F. *Arqueologia espacial da Redução de São João Batista: uma proposta teórico-metodológica*. In: *Anais da VIII Reunião Científica de Arqueologia Brasileira*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995-96, v. 1., p. 343-360.

8 MELIÁ, Bartomeu. *Las reducciones jesuíticas del Paraguay: un espacio para una utopia colonial*. *Estudios Paraguayos* 6 (1), p. 157-67, 1978.

9 HAROUEL, op. cit., p. 81.

que admite contínuas transformações. Trata-se de dar bases a uma renovação sobre uma continuidade.

O Padre jesuíta Antônio Sepp, o fundador de São João Batista nos dá uma idéia das preocupações de sua época com a adoção de um plano para o povoado:

Yo queria evitar estos y otros errores y trazar mi pueblo metódicamente, según las reglas del urbanismo. La primera condición con la cual debía cumplir fue la medición y el amonijonamiento de los terrenos para la construcción de las casas con el cordel del agrimensor. Tuve que assignar a cada grupo de casas el mismo número de pies a lo largo y a lo ancho como a los otros. En el centro debía alinear la plaza, dominada por la iglesia y la casa del párroco. De aquí debían salir todas las calles, siempre equidistantes una de la otra. Una buena distribución en este sentido significaba una ventaja extraordinaria y, al mismo tiempo, el mejor adorno para el pueblo¹⁰.

2.2 A implantação do plano urbanístico

A implantação da Missão implica no domínio sobre um determinado território. Na Idade Média, as terras de uma abadia eram concedidas pelos senhores detentores dos feudos. Muitos séculos depois, na América Colonial Platina, são os governadores de Buenos Aires e de Assunção que concedem as terras para os “Pueblos de Índios”.

Seus limites nem sempre são claros. As relações territoriais com as demais Missões vizinhas chegou a ser, algumas vezes, conflituosa. O território que separa cada uma das Missões pode ser percorrido em um dia de marcha. Se calcularmos um ritmo normal de caminhada de cinco quilômetros por hora, em oito horas teremos percorrido os trinta quilômetros que separavam em média estes povoados entre si.

A escolha do local para instalação do povoado missioneiro exige um extenso e profundo conhecimento sobre os complexos mosaicos das diversas paisagens que compõem a região. As florestas são necessárias para o plantio da horticultura indígena e para as atividades de agricultura européia com o arado. Os campos servem para a reprodução dos rebanhos de gado e as manadas de cavalos. Exige também uma criteriosa escolha do local em função das necessidades de água para o povoado. Há uma lógica da água relacionada à vida comunitária: captação nas fontes de pedra trabalhada, canalização em direção às oficinas artesanais e à cozinha, contenção em açudes, irrigação da quinta e limpeza das latrinas etc. O sítio deve ter de águas abundantes, mesmo em períodos de seca prolongada. Este conhecimen-

10 SEPP, Antônio. *Continuación de las labores apostólicas*. Buenos Aires: EUDEBA, 1973, p. 223.

to, apenas os guaranis possuíam. São diversos os sítios escolhidos, ora à beira do rio Uruguai, ora no cimo de colinas que se erguem suavemente até quase trezentos metros de altura, como é o caso de São João Batista. Este povoado nos evidencia o padrão das reduções localizadas no atual território do Rio Grande do Sul.

As reduções coloniais postularam uma planificação que tem sempre atraído a atenção dos historiadores: uma constelação de estabelecimentos satélites (fazendas de gado, zonas de exploração de erva mate, hortas e campos de atividades agrícolas, fornos cerâmicos, currais etc.), que envolvem, como uma coroa, o povoado missioneiro. Este é uma sede central que dirige o contexto, dividido em diversas unidades de produção. Estas estão localizadas em uma unidade geográfica concentrada e equidistante, a não mais do que um dia de marcha do povoado.

A sede deste conjunto se instala em um cenário bem escolhido. São João Batista se instala sobre uma suave coxilha. O relevo é uma plataforma que se inclina suavemente pelas encostas da colina. Muitas vezes, a topografia exerce algumas restrições, como no caso de São João, obrigando a adaptação das estruturas às formas dinâmicas do relevo. Um exemplo disto é o deslocamento do “cotiguaçu” (casa das viúvas e dos órfãos) e o falta de alinhamento do conjunto formado pela igreja o cemitério, em relação ao claustro e a oficinas artesanais.

O cenário escolhido está diretamente relacionado à concepção de urbanismo vigente no século XVII. Limita-se o tamanho do núcleo urbano, ou seja, recusa-se a gigantismo das cidades¹¹. Os motivos são muitos: dificuldades de obtenção de provisões, de manutenção de uma boa administração etc.

Todo o conjunto se ordena em torno da praça central, a “plaza mayor” espanhola, e ao longo de um eixo que se prolonga da entrada do povoado, atravessando a praça e acompanhando a linha de maior extensão da igreja. O conjunto se ordena simbolicamente, pois o eixo separa o povoado em duas partes. A leste, percebemos todos os dias o nascer do sol e a reinstalação das condições propícias à vida. A oeste, podemos observar o pôr-do-sol e a gradual expansão das trevas da noite. Tanto pela manhã como pela tarde, o sol – fonte da vida – estará sempre iluminando o interior da igreja, pelas suas aberturas laterais.

Apesar das afirmações de Azara, não existem muralhas. Os mosteiros medievais, os burgos, os castelos e as fortificações européias tinham muralhas. O mesmo acontecia com as cidades da América Colonial, construídas em função dos fortes portugueses e espanhóis, como podemos observar em Buenos Aires, Montevidéu, Colônia de Sacramento etc. Nas Missões, a defesa

11 HAROUEL, op. cit., p. 47-49.

não é feita por muralhas de pedra e elas não existem, quer nos levantamentos topográficos, quer na documentação iconográfica. Existe apenas um longo muro em torno da quinta, destinado mais a proteger as raras espécies européias ali plantadas, do gado e dos animais selvagens. A defesa do conjunto é propiciada pelas tropas e a cavalaria da milícia indígena. A mobilidade da infantaria e da cavalaria é propiciada pelas ruas largas, conforme as novas normas militares da Idade Moderna, as recomendações das Leis das Índias e o novo plano urbano moderno, criado pelo renascimento. Os novos ideais urbanos e os novos imperativos da circulação exigem, no século XVII, ruas largas e retas, destinadas a facilitar as comunicações entre os diferentes setores do povoado e entre as edificações¹².

Poderíamos nos perguntar se não é paradoxal que a Missão, que se propõe à cristianização, à oração e à paz, seja obrigada a se armar e a ter tropas? As tropas da milícia indígena (normalmente) e as do exército espanhol (raramente) não são apenas a defesa móvel do povoado. Apesar de ter sido criada para a defesa dos territórios coloniais espanhóis platinos contra as investidas bandeirantes, desempenham uma função de ataque sempre que necessário. Houve ataques a Assunção (rebelião contra o governador Hinestrosa), aos índios “infiéis” Charrua (batalha de Jy) e aos portugueses da Colônia de Sacramento. Os padres jesuítas não são apenas os párocos/xamãs, mas treinam esta milícia indígena. Eles a acompanham quando em marcha contra os inimigos.

São as milícias indígenas que controlam as idas e vindas dos visitantes estrangeiros à vida no povoado, e que podem afastar os neófitos dos verdadeiros objetivos de suas vidas, traçados pelos missionários jesuítas: a salvação de suas almas e a união com Deus. Este controle impede a introdução de informações perniciosas, de distrações e de epidemias, doenças para o corpo e para a alma. Este papel de isolamento e proteção era desempenhado, nas origens da Idade Média, pelas muralhas que envolviam os mosteiros medievais, protegendo os monges dos contatos externos, fossem eles fraternais ou belicosos. As normas espanholas, no caso das Missões, limitava a uma curta temporada de três dias a permanência de estranhos no território do povoado missionário. Os neófitos guaranis deveriam permanecer no povoado, como os monges permaneciam no mosteiro medieval, que era uma proteção contra os malefícios do contato com o mundo dos brancos. Esta proteção é garantida e ampliada pelo regime econômico de autarcia e auto-suficiência do povoado, pois nele se produz tudo o que é necessário à vida da comunidade. Os beneditinos já salientavam, nas suas regras para os mosteiros medievais, que o controle dos contatos dos neófitos

12 Ibidem, p. 49.

com o mundo exterior era um dos instrumentos das boas obras e que eles deveriam portanto, para isto, “[...] afastar-se das maneiras do século”, segundo o capítulo IV da regra.

2.3 *A herança européia: cidades da antigüidade e mosteiros medievais*¹³

Desde a Antigüidade, a planificação urbana está sempre associada aos projetos de fundação das cidades novas, sobretudo nas colônias gregas e romanas. Um fenômeno semelhante deu nascimento, no mundo romano, aos acampamentos militares (*castrum*). Eles são, muitas vezes, o plano que dá origem a muitas cidades que guardaram, em sua fisionomia, as orientações gerais deste projeto militar de organização do espaço.

Mesmo na Idade Média, nas fronteiras do sul da França, cidades novas ali fundadas com o nome de Bastides, tiveram o seu plano urbano planejado. A regularidade do plano contrasta com a irregularidade do tecido urbano das cidades medievais tradicionais. Estas experiências foram o ponto de partida para os planejamentos urbanos racionais que foram elaborados no Renascimento e que foram sugeridos nas “Leyes de Índias”.

Em toda a Europa, milhares de Abadias e de Mosteiros deram origem à ocupação de novos territórios, “no deserto”, como se dizia nesta época, formando, muitas vezes, o núcleo central de uma nova experiência urbana. Deram origem a novas cidades, como ocorreu na época colonial na América Colonial. Construir a ordem nesta nova cidade iberoindígena, significa também a organização de uma nova sociedade. Afirmou-se, nesta época, que a cristianização do índio deveria estar integrada à sua redução à *polis*, ou seja, à vida da cidade.

Franciscanos, dominicanos e jesuítas fazem parte das últimas ordens religiosas fundadas, profundamente ligadas ao desenvolvimento das cidades do final da Idade Média e do Renascimento. Nos burgos da Europa, estas ordens vivem a era das catedrais e das universidades, dedicando-se à pregação e à educação. Entretanto, ao partirem para a América e ao se instalarem junto aos grupos indígenas nas fronteiras do mundo civilizado, necessitaram dos modelos rurais de implantação do cristianismo. Passaram a se guiar em parte, portanto, pela experiência monacal beneditina, dos cistercienses (Ordem de Cister) e clunienses (Ordem de Cluny). Passaram a seguir algumas das linhas gerais dos traçados dos mosteiros beneditinos medievais, adaptando-os aos “Pueblos de Índios” americanos, fundados igualmente “no deserto” do mundo pagão. Os planos geométricos e racionais das missões jesuítico-guaranis guardam a idéia de ordem e de centralização social em torno da igreja, como já

13 Seguiremos aqui as orientações da obra de: BOUTTIER, Michel. *Monastères. Des pierres pour la prière*. 5. ed. Paris: Declée de Brouwer, 1995. p. 23-56.

previra o “plano beneditino” medieval. Este plano monacal se caracteriza por uma série de construções, de volumes integrados entre si, que interagem num grande conjunto.

Podemos tentar algumas aproximações, entre a organização dos mosteiros e de certos setores da missão colonial, como hipótese de trabalho. Entretanto, é necessário esclarecer sempre que o modelo urbano aqui aplicado não se resume a um sonho de vida isolada em um monastério, mas na definição de relações institucionais entre todos os integrantes deste microcosmo, sejam padres ou leigos, jesuítas ou guaranis.

Por outro lado, não podemos igualmente esquecer a série de ideais urbanos modernos que a partir do século XVII se materializaram nestes povoados: o alinhamento das ruas e a regularidade das fachadas. A cidade deve ser pensada como uma decoração teatral, na qual o essencial são as fachadas e a aparência. Quando penetramos em um povoado missioneiro, por uma larga rua, percebemos a perspectiva monumental, com as duas capelas situadas na entrada da praça e, ao fundo, o conjunto formado pela fachada da igreja e as duas portas instaladas frente ao claustro e ao cemitério. Esta perspectiva monumental não deve nada à Idade Média, mas é uma nova idéia de urbanismo da Idade Moderna. O povoado, para ser belo, necessita corresponder a uma figura geométrica¹⁴.

a) A Igreja

Entre todos os prédios da Missão, a igreja é o lugar mais importante, como o era nos mosteiros medievais, quer pelo seu volume estrutural frente aos demais prédios, quer por suas dimensões, quer pelo lugar privilegiado que ocupa face à praça do povoado.

É o prédio no qual se materializam a produção arquitetônica e artística: pias batismais esculpida e ornamentadas, detalhes arquitetônicos em pedra e madeira finamente trabalhados, esculturas, portas e janelas trabalhadas em arenito esculpido, decorações para os altares, pilares e colunas com entalhes, naves imensas e torres sineiras, além de fachadas finamente trabalhadas e profusamente pintadas.

Sua forma é basilical. Desde o final do Império Romano, até o século XI, a basílica romana era o modelo de base das igrejas. Ela assume, a partir de então, a forma de uma cruz, com o transepto cortando transversalmente o eixo da nave. No ocidente europeu, as igrejas cruciformes predominaram até o início do século XX, quando este plano começou a ser substituído por outras formas mais ousadas. A Ordem Jesuítica, entretanto, marca o retorno ao plano basilical, desde a construção da igreja-tipo da Companhia de Jesus em Roma. O edifício volta a ser retangular,

14 HAROUEL, op. cit., p. 53.

com uma nave principal e duas naves laterais, destinadas a facilitar a circulação dos fiéis.

A extremidade da nave, oposta às portas de entrada, é um espaço fechado (*septum*) parcialmente isolado, destinado aos padres e seus auxiliares. Neste espaço, encontra-se o altar-mor, o ponto focal do interior do edifício e a sua própria razão de ser. Ele é ladeado por dois altares laterais. Trata-se de um conjunto carregado de símbolos e de significado, de um cenário destinado a uma expressão litúrgica.

A própria orientação norte/sul da igreja torna tangível o mistério da morte e da ressurreição de Cristo, nesta linguagem simbólica. E, neste ponto, a linguagem cristã em muito se aproxima da linguagem simbólica dos guaranis. O ocaso do sol a oeste simboliza a morte do Cristo, enquanto que o nascer do sol a leste, pela manhã, representa a ressurreição de Cristo, que sai da noite do seu túmulo para iluminar o mundo e livrá-lo do pecado. Para os guaranis, o nascer do sol (Quarai) representava igualmente o fim da noite e da morte, que se haviam instalado na terra com o ocaso do dia anterior.

A Igreja (“eclesia”) materializa no seu conjunto a própria comunidade dos fiéis unida a Cristo. O edifício é sempre construído com muito cuidado e beleza, como pode ser muito bem observado em São João nos detalhes em arenito finamente trabalhados das aberturas das laterais. A fachada da igreja nos demonstra igualmente a profusão de cores que dá alegria e convida os fiéis a entrar.

A torre da igreja tem uma dupla função. Por um lado, seu sentido vertical indica a relação dos habitantes do povoado com a divindade. Por outro lado, seus sinos soam ao longo da jornada, estabelecendo, ao ritmo das horas que passam, um emprego do tempo que se reflete na vida de todo o povoado. Desde a época dos mosteiros medievais até a dos povoados missionários, esta regulamentação do tempo é a responsável por muitas das atividades diárias. Os sinos soam quotidianamente, desde o despertar matinal até a noite. São as chamadas às reuniões, ao culto ou às orações. São as indicações das horas de trabalho manual, as chamadas ao almoço e à janta. E, quando necessário, alarma o povoado, chamando a atenção para os incêndios ou para os ataques inimigos. Pode-se afirmar que os sinos do povoado foram, como já haviam sido nos mosteiros medievais, um dos elementos fundamentais da gestão do cotidiano¹⁵.

A sacristia tem seu nome do latim eclesiástico *sacristia*, que significa uma relação com o sagrado. Ela é um anexo da igreja, que serve de comunicação com o claustro. Por ela, os padres podem passar da residência para a igreja, a fim de poder preparar-se para a missa. Trata-se de uma pequena peça, mobiliada

15 PRESSOUYRE, Léon. *Le reve cistercien*. Paris: Gallimard, 1990, p. 53.

por alguns armários e cômodas, onde estão guardados os objetos de culto e de procissões, além dos livros utilizados nas missas.

A estética cisterciense medieval se pautava por uma arte austera, baseada no despojamento e simplicidade dos edifícios monacais. A estética dos jesuítas é fruto não do Barroco mas do Maneirismo, e, por isto, temperada pela contenção das formas sugerida pelo Concílio de Trento. Na decoração das igrejas missionárias, aceita-se o testemunho dos sentidos, característico da condição humana. E parte-se de uma certa exuberância de formas e cores para influenciar os neófitos e garantir a salvação dos fiéis. Não mais se recusam as esculturas e as cores, como nas origens beneditinas do monasticismo medieval.

No povoado de São João Batista, a igreja nos apresenta detalhes em pedra lavrada, nas aberturas, com os movimentos de formas contorcidas do Barroco. Mas o que mais nos impressiona é o extraordinário colorido da fachada. As suas formas e volumes tem inequívocas semelhanças com a imagem que se obteve com a reconstituição da igreja de São Luiz Gonzaga¹⁶. E também com as igrejas que os jesuítas construíram entre os Chiquitos. Trata-se de uma capela ampliada, afastando-se decididamente do estilo que o arquiteto jesuíta Primoli materializou na igreja de São Miguel. No século XVIII, praticamente na mesma época em que este desenho policromo foi elaborado, a igreja de São João Batista foi assim descrita:

O templo deste Povo não é da arquitetura da Igreja de São Miguel, nem da sua grandeza; porém um pouco menos. As suas paredes são de taipa. No interior tem três naves, com colunas [...] de madeira entalhada, tudo de pintura e dourado¹⁷.

Estas considerações nos abrem horizontes inesperados para as pesquisas de história da arte missionária.

b) O claustro

Vamos agora penetrar no espaço exclusivamente reservado aos padres jesuítas, denominado genericamente de “clausura”. Ele representa uma barreira aos intrusos do exterior. Se o povoado já é protegido pelas leis espanholas que limitam a permanência de estranhos no interior do povoado, a clausura é uma segunda barreira existente, pois seus limites são intransponíveis, a não ser por bispos da igreja ou governadores espanhóis, ou

16 SCARAMELLA, Giovanni; SCARAMELLA, Nidia; MAZUCO, Rose Maria. Reconstituição hipotética e parcial da Igreja da Redução de São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul, Brasil. *Historical Archaeology in Latin América*, n. 13, p. 99-114.

17 “Diário” de José Custódio de Sá e Faria, transcrito em: GOLIN, Luis Carlos. José Custódio de Sá e Faria e a Guerra Guaranítica (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. 3 vol., p. 373.

seja, importantes representantes da Igreja e do Estado. Nesta clausura, se encontram o claustro e a residência conventual dos missionários.

Assim como a igreja, o claustro tem uma importância capital no conjunto arquitetônico herdado da Idade Média. O termo vem do latim, *claustra*, que significa espaço fechado. Ele é igualmente um dos elementos geradores do plano de conjunto, pois uma série de construções se agrupam e se organizam em seu entorno. Algumas vezes, ele é denominado com uma certa importância de “pátio da residência” ou “pátio do colégio”. É errôneo, no entanto, considerá-lo um mero espaço agregado, sem importância própria. Ele tem por si só uma função importante e uma tradição já milenar nas construções européias deste tipo. Tanto a Igreja como a residência tem uma série de aberturas para o claustro.

O espaço do claustro é geralmente quadrado, transformado em jardim e rodeado de uma galeria, uma varanda coberta de telhas, cuja função imediata é uma circulação mais cômoda de uma peça para a outra, ao abrigo do sol e da chuva. Ele propicia, igualmente, um lugar de proteção e recolhimento, ao abrigo do burburinho e da agitação do povoado guarani-missioneiro.

A analogia deste plano com aquele da casa romana, que agrupa as suas salas em torno de um átrio (*atrium*) é evidente. A filiação destes dois elementos, o átrio romano e o claustro medieval, é, hoje em dia, tradicionalmente aceito entre os estudiosos¹⁸.

Além destas considerações sobre a sua função imediata, de ordem prática, o claustro se reveste de um sentido simbólico muito mais elevado, por estar à disposição dos padres jesuítas. A figura fechada do quadrado orienta e dirige tanto as fachadas das construções como os olhares para o seu centro interior. O claustro exprime perfeitamente o desejo de isolamento do século, ou seja, do mundo considerado em seus aspectos laicos: profanos, materiais e utilitários. Ele representa a possibilidade dos padres de se centrar espiritualmente sobre a presença da divindade entre eles. A única grande abertura deste espaço está voltada para o céu. Ele é, igualmente, um espaço de liturgia, como um prolongamento da igreja, pois nele os padres podem realizar pequenas procissões e as orações quotidianas com o rosário ou o breviário. Este local propicia igualmente a meditação silenciosa, pois o recolhimento que ali se observa é obtido pelo silêncio que ali reina. Afirmou-se mesmo que o claustro, para os cristãos, era uma prisão livremente escolhida, uma prisão de portas abertas¹⁹.

18 BOUTTIER, op. cit., p. 32.

19 PRESSOUYRE, op. cit., p. 47.

Nos mosteiros europeus, o claustro exhibe, muitas vezes, belíssimas obras de arte românicas e góticas, pois os pilares, as colunas e os capitéis são esculpidos. Os claustros missionários são extremamente despojados, segundo as orientações da Contra-Reforma. As galerias laterais são abrigadas por telhados, sustentados por uma estrutura de madeira que repousa sobre pilares retos e lisos, com bases trabalhadas singelamente. Uma ornamentação esculpida em madeira, com volutas, decora as laterais dos capitéis.

O claustro é erroneamente denominado “pátio do colégio”, por muitos autores regionais, inclusive arquitetos. Os edifícios que os jesuítas construíram sob a denominação de colégios, nas cidades portuguesas e espanholas, são verdadeiras escolas para as elites dirigentes européias e ibero-americanas, sendo muito conhecidos tanto na Europa como na América. Possuem características diferentes, pois os edifícios assim denominados são de grande porte, algumas vezes com diversos andares e com finalidades exclusivamente educativas. O fato de haver eventualmente uma sala para o aprendizado dos filhos dos caciques missionários, próximo ao claustro, não altera a denominação nem a especificidade deste espaço, conhecido por sua importância desde a Idade Média.

Nos mosteiros medievais, não existe nenhuma fachada externa, embelezada e decorada, pois o claustro não está destinado à recepção de estranhos. Este fato nos coloca um problema importante, em relação ao grande pórtico que se observa no muro que separa o claustro da grande praça central. Será um pórtico falso, uma mera decoração para completar um conjunto formado juntamente com a fachada da igreja e o grande pórtico que dá acesso ao cemitério? Ou realmente o pórtico se abre para o povoado, permitindo a entrada ao claustro dos missionários? Será esta a entrada de aparato, destinada aos bispos e governadores, representantes da Igreja e do Estado em visita ao povoado?

O isolamento do claustro, nas abadias cistercienses, nos mostra como “a aspiração a uma vida com base na ascese, na meditação, na oração e no trabalho, nunca deixou de interessar aos homens”²⁰. O mesmo poderíamos afirmar em relação aos missionários jesuítas. Entretanto, sua função de párocos em uma pequena cidade colonial nos mostra como eles podiam estar, ao mesmo tempo, separados e sempre presentes face à sociedade missionária.

c) A residência dos jesuítas

Uma das construções erguidas em função do grande quadrado do claustro é a residência dos missionários, sempre muito

20 Ibidem, p. 19.

espaçosa para seus dois ou três ocupantes. A residência de São João Batista foi assim descrita, na época: “Os aposentos são muito alegres e grandes, com uma muito boa casa de refeitório. E pela frente e oposto lado, correndo largas e espaçosas galerias, com colunas e balaustradas escadas de pedra lavrada”²¹.

Ela está também ao lado da Igreja, pois esta arquitetura compacta foi planejada desde a Idade Média, de maneira que se esteja sempre próximo ao lugar onde se realiza a *Opus Dei*, que significa “a obra de Deus”, ou seja, a tarefa mais importante de todas as que realizam os missionários.

Nos mosteiros medievais beneditinos, os dormitórios são salas gigantescas. Ele ocupa todo o segundo andar da residência monacal. Ali dormem em conjunto os monges, sob a vigilância dos mais velhos. O mesmo não acontece nos claustros missionários, os quais são salas comuns, nas quais dormem os dois ou três padres e os jovens índios que os servem, ocupando, assim, seus respectivos dormitórios. No espaço comunitário monacal, uma luz permanecerá sempre acesa, até o raiar do dia, o que também acontece na residência dos missionários, como nos descreve o Padre Antônio Sepp em seu diário. Ao fim da Idade Média, já se concebia a coabitação total como excessiva e oposta à nova espiritualidade do Renascimento, que levava em conta o primado do indivíduo sobre o grupo. O dormitório coletivo foi então dividido por cortinas separando os leitos. Mais tarde, foram criadas as células individuais, com uma porta garantindo a privacidade e uma janela aberta para a luz. Voltava-se, desta maneira, a estabelecer um lugar solitário, onde o religioso poderá se retirar para ler, rezar e dormir. Este é, pois, o hábito mantido pelos jesuítas em suas residências missionárias.

Desde os mosteiros medievais, próximas aos dormitórios deveriam ficar as latrinas, em um lugar isolado, servidas de uma canalização de água para a limpeza. Nas residências dos povoados missionários, as latrinas deveriam ficar atrás da residência, voltadas para a quinta. Como pode ser observado nas pesquisas de campo em São Lourenço, as águas captadas dos telhados da igreja podem ter sido aproveitadas tanto para a irrigação da quinta como para a limpeza das latrinas, situadas atrás da Igreja.

Uma ou duas salas são reservadas às leituras e aos trabalhos intelectuais, como é hábito desde a Idade Média. Ali se encontram mesas e armários com livros, papéis, tinteiros etc. São denominados de *scriptorium*, do latim *scriptor*, aquele que escreve. Nelas se elaboraram muitas das “Cartas Anuais”, hoje importantes documentos históricos produzidos pelos jesuítas missionários, nas quais todos os anos relatavam os principais acontecimentos ocorridos nos povoados missionários. Nestas salas, os missionários devem ter tomado decisões importantes

21 “Diário” de José Custódio de Sá e Faria. In: GOLIN, op. cit., 3 vol., p. 373.

para a vida do povoado. Devem ter discutido entre eles, decidindo por uma maior ou menor ingerência de sua autoridade paternal na vida dos seus paroquianos. Nestas trocas de idéias, devem ter oscilado entre o dirigismo, fenômeno que pode levar à resistência e à fuga dos indígenas para longe das reduções, e o desgoverno, que pode levar à desorganização da vida no povoado.

Dormitórios ou escritórios, as salas devem ser bem iluminadas e de fácil acesso, como a sala escavada na Missão de São Lourenço, dotada de ampla janela gradeada e de duas portas. Uma delas permitia o acesso ao claustro e à igreja. A outra estava voltada para a quinta e provavelmente permitia o acesso às latrinas. A janela estava voltada para a quinta, o que permitia uma certa privacidade e possuía dois bancos laterais, como se observa em muitos edifícios deste tipo. Todas as salas eram revestidas de ladrilhos cerâmicos hexagonais ou retangulares.

Uma das salas mais importantes da residência foi criada em função das necessidades geopolíticas e da situação de fronteira das reduções jesuítico-guaranis, face ao império português em expansão gradual rumo ao Rio da Prata. Trata-se da sala de armas (“armeria”), onde deveria ser armazenada uma parte considerável do poderio bélico do povoado: armas de fogo, barricadas de pólvora, projéteis, pontas metálicas de flechas e de lanças. Ela só possui uma porta de entrada, voltada para o claustro e perfeitamente controlada pelos missionários. Na única parede exposta, voltada para a quinta, a sala de armas é protegida por uma estreita seteira. Seu piso é diferente das demais salas e revestido de resistentes lajes retangulares de arenito, e ela deveria ser equipada de prateleiras para o armazenamento das armas e dos recipientes de pólvora. Nas escavações de São Lourenço, ela foi localizada no extremo oeste da residência, próximo à igreja, mas separado desta por um amplo espaço. Esta extremidade da residência é a mais afastada do setor freqüentado pelos índios, que estavam constantemente em atividades no pátio dos artífices.

O refeitório foi outro pólo importante da vida social dos missionários, como já havia sido nos mosteiros da Idade Média. Antes de penetrar neste recinto, monges medievais ou missionários da idade moderna deveriam lavar as mãos e o rosto em um lavabo. Gestos simples, mas carregados de sentido espiritual, pois deve-se pensar na purificação do coração e dos pensamentos, para se receber a alimentação necessária tanto ao corpo como ao espírito. Poderíamos mesmo pensar na correlação que existe entre o batistério e a igreja, por um lado, e entre o lavabo e o refeitório, de outro²². Esta sala retangular se encontra no extremo da residência, afastado, portanto, da igreja, ao lado do con-

22 BOUTTIER, op. cit., p. 44.

junto de salas destinadas às atividades artesanais. Seu mobiliário é simples. Nas mesas do refeitório não se sentam apenas os missionários. Também nelas são recebidos os visitantes ilustres, dignitários da igreja ou do estado²³. Sob as tábuas do assoalho do refeitório, encontramos sempre as evidências de um porão, no subsolo. Trata-se de um espaço retangular como o refeitório, de pouca altura. É um local sempre fresco e onde a temperatura é constante, destinado à conservação dos alimentos perecíveis, do vinho, dos cereais etc. Trata-se, portanto, ao mesmo tempo, de uma adega e de um celeiro. A proximidade do refeitório e da cozinha limita a necessidade de deslocamentos e de transporte. Sua instalação sob o refeitório significa igualmente um controle de seu conteúdo, pelos missionários, pois ele se encontra dentro da clausura. Erroneamente, a credence popular imaginou, muitas vezes, a existência de um subterrâneo neste local. As observações realizadas nos trabalhos arqueológicos de campo, em São Lourenço, São Miguel e São Nicolau, comprovam a função de porão ou de adega destes limitados espaços.

Ao lado do refeitório, está instalada a cozinha. Ela se encontra, na realidade, numa sala pertencente a um outro conjunto de construções, destinadas às atividades artesanais, voltada, portanto, para o pátio dos artífices. Existe uma lógica funcional nesta localização, que aproxima o local da produção dos alimentos ao local de seu consumo. Este raciocínio, entretanto, não explica por que a cozinha está completamente separada do refeitório, não existindo nenhuma porta que possa facilitar a circulação. Nas pesquisas de campo realizadas em São Lourenço, observamos *in situ* apenas um passa pratos retangular que permite esta ligação. Poderíamos pensar em uma tentativa de impedir que cheguem ao refeitório os ruídos, as fumaças e os odores da cozinha? Existe aqui, igualmente, um sentido simbólico que explica esta localização e a cozinha não poderia estar em outro lugar, pois a parede que separa o refeitório da cozinha delimita a clausura dos missionários, sendo vedado, portanto, o acesso ao refeitório das mulheres índias que trabalham na cozinha. Nela, deve se encontrar sempre um bom conduto e um depósito de água, para facilitar as tarefas da cocção e da lavagem dos recipientes e dos equipamentos.

23 Veja-se o diário de José de Sá e Faria, que narra a recepção dada no refeitório de São João Batista aos comandantes dos exércitos espanhol e português, quando ali estiveram quando da Guerra Guaranítica. In: GOLIN, op. cit., p. 372. "Depois, os (comandantes espanhol e português) levaram aos seus aposentos, e lhes pediram os padres quisessem Suas Excelências fazer-lhes a honra de jantar com eles no seu refeitório, onde já tinham tudo pronto."

d) As oficinas artesanais

O regime econômico da Redução é de uma autarcia, ou seja, de uma unidade autogerida e auto-suficiente, atendendo a todas as necessidades do povoado e de sua população. São limitadas as necessidades que exigem a importação de produtos. Esta situação de autonomia se deve não apenas às distâncias dos centros políticos e econômicos da América Colonial ibérica, mas igualmente à sua condição de colônias de povoamento na fronteira do mundo cristão e civilizado da época.

Os jesuítas, entretanto, não são os criadores deste modelo, visando a tornar os trinta Povos independentes, ou mesmo com o objetivo de estabelecer as bases de um socialismo inovador, antecipando-se às diversas correntes socialistas do mundo contemporâneo. Outras ordens religiosas, em especial os cistercienses e os beneditinos, foram destaques neste tipo de povoamento fronteiro, implantando mosteiros e abadias, em plena Idade Média. Fundados nas fronteiras da Europa cristã, em plena expansão territorial, muitos destes mosteiros foram verdadeiras colônias de povoamento, funcionando em regime econômico-social autônomo, uma exploração típica de autarcia.

Devemos, igualmente, destacar um importantíssimo traço de união entre as duas experiências. Os mosteiros medievais foram, na prática, uma ruptura completa com o sistema senhorial dominante em todo o Medievo feudal europeu²⁴. De maneira semelhante, as reduções jesuítico-guaranis foram uma recusa histórica ao sistema escravista estabelecido na América Colonial pelas metrópoles ibéricas.

Sabemos que a autarcia não era completa. Havia também uma complementaridade entre os diversos povoados missionários, na medida em que alguns davam maior ênfase na produção de certos produtos, em função das possibilidades do ambiente natural. O regime de autarcia, portanto, era variável segundo as disponibilidade de matérias-primas, solo, cobertura vegetal, micro-clima local etc. Na Idade Média, o mesmo acontecia com muitas abadias cistercienses, pois, se o domínio monacal era bem administrado e produzia acima de suas necessidades, procurava trocar ou comercializar os seus excedentes. Para facilitar o intercâmbio de produtos, muitos mosteiros dispunham já desde o século XII de representações nas cidades, cuja finalidade era o de facilitar as relações comerciais. Um sistema muito semelhante ao dos “Ofícios das Missões”, escritórios de representação comercial, que se mantinham em Buenos Aires e Assunção para atender ao comércio missionário, vendendo seus produtos e comprando o que necessitavam.

24 PRESSOUYRE, op. cit., p. 16-7.

Existe uma lógica relacionada às tarefas quotidianas, muito comum nos estabelecimentos religiosos cristãos, desde a Idade Média, relacionados com estas características do sistema de auto-suficiência: *Ora et labora*. Uma das conseqüências é a de que a inatividade e a falta de ocupações são inimigas da alma. Outra é a de que quem não trabalha com suas próprias mãos não deve comer. Nos mosteiros medievais, estas atividades eram sempre realizadas pelos monges e nos povoados missionários pelos neófitos guaranis. Assim, além das instalações rurais, voltadas para as atividades agrícolas e de pecuária, existe toda uma série de ofícios e de atividades artesanais que se desenvolvem em torno do povoado e no pátio dos artífices. As construções que abrigam as atividades artesanais e os espaços a elas correspondentes obedecem a esta lógica das tarefas que regula a vida comunitária.

Os fornos de produção da cerâmica, o forno metalúrgico e o moinho para a moagem de grãos e para as atividades metalúrgicas se encontram mais distantes do povoado. Entretanto, uma série de atividades se desenvolvem nas oficinas que se distribuem em torno do pátio dos artífices. Ali se realizam trabalhos em madeira, metal, pedra, couro, tecidos etc. São realizadas atividades artesanais muito delicadas e de grande qualidade artística, tais como esculturas de santos, instrumentos musicais, elementos decorativos para a igreja, entre outras.

O padre Antônio Sepp nos relata quais eram as diversas profissões existentes no povoado de São João Batista e desempenhadas pelos neófitos guaranis. Dentre estas atividades podemos destacar os seguintes artesãos:

*[...] cincuenta carpinteros, veinte tejedores, cuatro constructores, doce armeros, seis escultores, diez pintores, ocho picapedreros, doce ladrilleros, ochenta obreros par la fabrica de ladrillos, dos panaderos, dos cocineros, seis enfermeros, cuatro sacristanes, un zapatero, doce curtidores [...], dos alfareros, dos torneros, tres toneleros, dos fabricantes de laúdes y arpas [...]*²⁵.

A organização das atividades artesanais, aqui descritas, seguem um modelo já milenar, existente na Idade Média européia, pois nos mosteiros medievais eram os monges que se dedicavam a estas atividades. A importância destas atividades no povoado missionário foi assim sintetizada por Eduardo Neumann:

A existência de artesãos qualificados, com excelentes conhecimentos sobre as artes mecânicas, colocava as reduções administradas pela Companhia de Jesus como uma organização social diferenciada no mundo do trabalho local, devido ao alto grau de aprimoramento que atingiram as

25 SEPP, op. cit., p. 267.

*técnicas fabris e pela transmissão destes conhecimentos entre as várias gerações de guaranis*²⁶.

Estas oficinas devem ser exploradas em função da oferta de matérias-primas, mas devem, igualmente, ocupar-se da formação dos próprios artesãos e do desenvolvimento das capacidades necessárias para a realização das atividades de cada setor. Isto significa uma educação artesanal pela prática, que terminou formando artífices capazes de atender, mais tarde, às próprias necessidades do mercado interno das cidades espanholas da região.

e) As enfermarias

Fala-se, algumas vezes, na existência de um hospital, ou seja, de um local para acolher a população do povoado, em especial os enfermos e o velhos. Além do quarto para os doentes, deve haver uma sala para guardar os remédios. E um pequeno jardim, provavelmente junto à quinta, para as plantas medicinais. Os doentes serão tratados dentro dos princípios da fraternidade cristã. Devido às epidemias que assolavam algumas vezes a população das reduções, principalmente doenças transmitidas pelos brancos, deveria haver um setor mais isolado para evitar o contágio. No desenho policromo em estudo, não há indicação do local onde poderia estar o hospital. Segundo as informações de Sepp²⁷, foram construídos dois galpões com ladrilhos como assoalho, para as mulheres e os homens enfermos. Em vez de leitos, tinham locais para se estender redes. Deveriam se localizar nos arredores do povoado, pois as quarentenas obrigavam o afastamento dos doentes e o seu isolamento. Talvez as enfermarias estivessem localizadas nas duas casas construídas em São João atrás da Quinta, pois os doentes estariam isolados e próximos das plantações de frutas e ervas medicinais.

f) A hospedaria (Tambo)

Nos Mosteiros medievais, havia um monge porteiro instalado na portaria, único lugar de acesso através do muro de proteção do mosteiro. E, junto à portaria, havia a hospedaria.

Nos povoados missioneiros, havia, igualmente, uma hospedaria, ou seja, um “tambo”, um local para acolher os viajantes ou os hóspedes que chegavam eventualmente. Normalmente, era uma casa, simples como as demais, junto à praça.

Na Idade Média, era necessário acolher os grupos de peregrinos que vinham ao mosteiro onde existiam relíquias sagradas ou o túmulo de algum dos santos da Igreja. Algumas vezes, houve necessidade de ampliar a hospedaria, para atender às novas

26 NEUMANN, Eduardo. Guaranis missioneiros em Buenos Aires (1640-1750) (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1995, p. 77.

27 SEPP, op. cit., p. 155.

necessidades. Algumas destas hospedarias possuíam uma capela para os hóspedes. Em São João, o “tambo” poderia ser a casa com capela situada à direita da praça, junto à ampla rua que dava acesso aos povoado e pela qual chegariam os visitantes.

Em São Miguel, uma hospedaria ampliada foi construída para tropas militares, com currais para os carros e para os cavalos. Deveria haver um depósito para guardar os alimentos dos animais e ainda um bebedor para estes. Essas tropas podiam descansar, refazer as suas forças e, quando fossem milícias de outros estados, tornar a partir. Em São Miguel, uma única porta de acesso à hospedaria e ao pátio interno pode ser controlada por uma portaria, pois é uma área cercada. Não deveria existir a capela para os hóspedes, pois havia não apenas a Igreja aberta ao público, mas ainda as duas capelas da entrada da praça. Neste povoado, segundo os documentos históricos da época, acamparam tropas espanholas após a Guerra Guaranítica, possivelmente na hospedaria.

g) A quinta

Em todos os mosteiros da Idade Média, a quinta desempenhou importante papel, pois nela se plantava um pomar de árvores frutíferas. Era um local protegido, de consumo específico para os monges. Ela está sempre localizada atrás da igreja, do cemitério e dos edifícios que envolvem o claustro e o pátio dos artífices.

No povoado missioneiro, a quinta foi em primeiro lugar um local de aclimação de plantas europeias, trazidas pelos missionários. Foi também um pomar, mas serviu igualmente como horta e jardim. Nela se plantavam flores, hortaliças e plantas medicinais. Possuímos a descrição da quinta de São João Batista, fornecida pelo seu fundador Padre Antônio Sepp²⁸. Durante todo o ano são produzidos diversos tipos de legumes, temperos, ervas medicinais e flores: saladas diversas (endívia, alface repolhuda, chicória), repolhos, nabos, espinafres, salsa, erva-doce, funcho, melões, pepinos, lírios, girassol, violetas etc. Dentre as árvores frutíferas, podemos destacar: macieiras, pereiras, nogueiras, pessegueiros, limoeiros, laranjeiras etc. Existia igualmente um grande vinhedo. Diversas plantas nativas, conhecidas pelos indígenas, foram plantadas na quinta. Segundo um testemunho da época, a quinta teria “de comprido o mesmo que os dois pátios,

28 HAUBERT, Maxime. *Des indiens et des jésuites du Paraguay au temps des Missions*. Paris: Hachette, 1967, p. 200. A descrição de Sepp se encontra em seu diário, publicado como *Viagem às missões e trabalhos apostólicos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

e de fundo muito mais. Com várias ruas de laranjeiras e limoeiros, e muitas árvores de fruta”²⁹.

h) O cemitério

A tradição medieval das paróquias e dos monastérios destinava ao cemitério a área situada ao lado da igreja. Esta zona é aquela que estabelece a cidade dos mortos ao lado da cidade dos vivos. Nos povoados missioneiros, mantém-se a localização original. Na estética barroca dos jesuítas, um pórtico dá acesso a este local, simétrico ao pórtico frente à residência dos padres. Ambos os pórticos são simétricos em relação à fachada da igreja e compõem, de maneira extraordinária, o cenário arquitetônico da praça maior.

Entretanto, as idéias do urbanismo do século XVII nos mostram uma profunda transformação, voltada para as novas exigências de salubridade³⁰. Percebemos aqui também uma organização racional do espaço que se articula em alas e áreas separadas, separando os defuntos em setores que se articulam num conjunto. Ao fundo do cemitério, percebemos a capela dos mortos, onde as últimas orações são proferidas antes do enterramento.

Na pesquisa arqueológica, não é apenas o achado arqueológico que é importante para as análises, mas igualmente o que não é mais encontrado. As urnas funerárias, onde os guaranis enterravam seus mortos em posição fetal, como uma espécie de retorno ao útero da mãe-terra, desaparecem completamente. Os enterramentos todos obedecem ao ritual cristão, o que nos indica a profunda mudança ocorrida em certas práticas relacionadas ao sagrado e aos princípios religiosos.

Entretanto, encontramos aqui um contraste e uma hesitação, entre os princípios de igualdade e de unanimidade entre os homens e o princípio de hierarquia. O cemitério abriga os corpos dos indígenas guaranis, enquanto que os de seus párocos serão enterrados no espaço fronteiro ao altar. Na Idade Média, estes princípios eram igualmente seguidos, diferenciando os enterramentos no cemitério e no corpo da igreja.

3 Conclusões

Nos povoados missioneiros, podemos perceber a racionalidade dos planos urbanos que nos são conhecidos desde a Antiguidade até o Renascimento. É necessário reconhecer, igualmente, as origens medievais de uma parcela deste plano urbano, a partir do plano-tipo das abadias beneditinas. E, além disto, nós podemos ali observar também a permanência dos hábitos

29 “Diário” de José Custódio de Sá e Faris. In: GOLIN, op. cit., p. 373.

30 HAROUEL, op. cit., p. 51-52.

sociais dos guaranis, nas casas comunais independentes, que abrigam as famílias extensas, como nas aldeias neolíticas tradicionais no continente sul-americano.

Com certeza, a visão de regularidade e de simetria do conjunto do povoado nos faz lembrar uma ordem perfeita e definitiva. As ruas se estendem em linhas retas e paralelas, entrecortando-se em ângulos retos. A igreja ocupa o lugar central da praça e sua fachada compõe um cenário extraordinário que se completa com as portas e arcadas em face do claustro e do cemitério. Ela está centralizada em relação ao claustro e pelas oficinas artesanais, por um lado, e pelo cemitério e o cotiguaçu, por outro. No centro do povoado, a “plaza mayor”, orgulho das cidades do renascimento na Espanha, está cercada de casas (“ocas”) dos guaranis, isoladas umas das outras, à maneira amazônica. Mesmo que os jesuítas tenham em sua residência aposentos privados, assim como os indígenas dispõem de suas casas, missionários e neófitos terminam por se encontrar nos grandes espaços de uso comunitário do povoado, principalmente na praça e na igreja.

Trata-se de um conjunto de construções ao mesmo tempo funcionais e despojadas, constituídas de materiais tangíveis e com base em um módulo humano de neófitos guaranis. Seu objetivo, entretanto, é “civilizar” e “cristianizar”. Procura conduzir os indígenas guaranis à transcendência divina, sem esquecer, entretanto, as dificuldades do mundo e os interesses geopolíticos da conquista ibérica do Rio da Prata.

A releitura que pode ser feita, tanto a partir das informações iconográficas, como das observações *in situ*, é agora muito clara. O povoado se materializa como uma síntese cultural de influências não apenas européias e indígenas, mas igualmente medieval, moderna e indígena.

Mesmo que estes povoados missionários contenham apenas uma sociedade restrita, limitada a alguns missionários e dezenas de famílias guaranis, esta é um verdadeiro microcosmo humano que resume a diversidade e a complexidade do mundo e da humanidade.

As possibilidades de analisar e interpretar os importantes processos de longa duração³¹ desta região platina, apenas se tornam possíveis a partir dos dados que tanto a Arqueologia como a História nos fornecem. Partindo do estudo da dinâmica das interações socioculturais destes povoados missionários, bem como da sua persistência no tempo histórico, podemos analisar as ações e as reações que caracterizam este complexo processo de desenvolvimento. No imenso cenário da região

31 “Dialectique de la longue durée” são palavras muito conhecidas do historiador francês Braudel. Cf. BRAUDEL, Fernand. *Ecrits sur l'Histoire*. Paris: Flammarion, 1969, p. 43.

missioneira, do Guairá ao Tape, de Assunção a Buenos Aires, as sociedades européias e indígenas se encontram e se confrontam, em complexas relações interétnicas. Podemos observar, no lento mas dinâmico passar do tempo histórico, a emergência de uma síntese cultural complexa, na qual a persistência do modo de vida do guarani não é menos importante do que as tradições ibéricas da Idade Média e as novas manifestações da era moderna.

As sociedades urbanas do passado nos deixaram um rico e variado legado cultural. Não se trata apenas de estruturas arquitetônicas remanescentes ou de uma rede viária urbana. As comunidades citadinas do passado nos deixaram como herança igualmente um modo-de-ser urbano, com suas características estruturas sociais e um sistema de valores morais e ideológicos³². Ser um cidadão e viver em uma cidade, no passado da história ocidental, foi ter o sentimento de pertencer a uma comunidade e de se sentir, de uma certa maneira, associado aos assuntos políticos. Ser cidadão sempre foi, também, estar envolvido com tudo o que é feito ou dito no âmbito da cidade e poder afirmar a sua participação e a sua responsabilidade. Se pensarmos bem, ainda hoje isto é ser um cidadão³³.

E, mais uma vez, nós – historiadores e arqueólogos – somos surpreendidos com a riqueza dos novos panoramas desta nossa história, sempre nova e sempre renovada³⁴.

Bibliografia

- BARCELOS, Arthur F. Arqueologia espacial da Redução de São João Batista: uma proposta teórico-metodológica”. In: *Anais da VIII Reunião Científica de Arqueologia Brasileira*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995-96, v. 1, p. 343-360.
- BOUITIER, Michel. *Monastères*. Des pierres pour la prière. 5. ed. Paris: Desclée de Brouwer, 1995. p. 23-56.
- BRAUDEL, Fernand. *Ecrits sur l'Histoire*, Paris: Flammarion, 1969.
- CHARLEVOIX, P. *Histoire du Paraguay*. Paris: Didot, 1756.
- FREITAS, Décio. *O socialismo missioneiro*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1982.
- GOLIN, Luis Carlos. José Custódio de Sá e Faria e a Guerra Guaranítica (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, vol. 3.
- HAUBERT, Maxime. *Des indiens et des jésuites du Paraguay au temps des missions*. Paris: Hachette, 1967.
- HAROUEL, Jean-Louis. *Histoire de l'urbanisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995, p. 3.

32 ROUX, Simone. *Le monde des villes au Moyen Âge*. Paris : Hachette, 2004, p. 190.

33 LONIS, Raoul. *La cité dans le monde grec*. Paris : Nathan Université, 2003, p. 291.

34 KERN, Arno A. “Análise do plano urbano das Missões jesuítico-Guaranis”. In: *Anais VI Jornadas Internacionais sobre as missões jesuíticas* (UNIOESTE), 1998, p. 150.

- HODDER, Ian. *Reading the past. Current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 118-46.
- KERN, Arno Alvarez. "Análise do plano urbano das Missões jesuítico-Guaranis". In: *Anais VI Jornadas Internacionais sobre as missões jesuíticas* (UNIOESTE), 1998.
- _____. Aspectos teóricos e metodológicos da Arqueologia Histórica do rio da prata. In: CONSENS, M; LÓPEZ; MAZZ, J. M.; CURBELO, M. C. (Orgs.). *Arqueologia en el Uruguay: 120 años despues. Anais do VIII Congresso de Arqueologia Uruguaya*, Montevideu: Surcos, 1995, v. 1.
- _____. Método e teoria no projeto Arqueologia Histórica Missioneira. In: *VIII Reunião Científica da SAB*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 1996, v. 1, p. 181-202.
- _____. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1982.
- _____. "Sociedade barroca e Missões Guaranis: do confronto à complementaridade". In: *Actas (I Congresso Internacional do Barroco, Universidade do Porto, Portugal)*, 1991.
- _____. *Utopias e missões jesuíticas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.
- LONIS, Raoul. *La cité dans le monde grec*. Paris: Nathan Université, 2003.
- MELIÁ, Bartomeu. Las reducciones jesuíticas del Paraguay: un espacio para una utopia colonial. *Estudios Paraguayos* 6 (1), 1978. p. 157-167.
- MÖRNER, Magnus. *The political and economic activities of the Jesuits in the La Plata region*. Estocolmo: Liv. Instit. Estudos Iberoamericanos, 1953.
- MORRIS, A. E. J. *História de la forma urbana*. Desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1984.
- NEUMANN, Eduardo. Guaranis missioneiros em Buenos Aires (1640-1750) (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- PRESSOUYRE, Léon. *Le reve cistercien*. Paris: Gallimard, 1990.
- ROCHE, Daniel. Cidade. In: LE GOFF, J.; CHARTIER, R e REVEL, J. *A nova história*. Coimbra: Editora Almedina, 1990.
- ROUX, Simone. *Le monde des villes au Moyen Âge*. Paris: Hachette, 2004.
- SCARAMELLA, Giovani; SCARAMELLA, Nidia; MAZUCO, Rose Maria. Reconstituição hipotética e parcial da Igreja da Redução de São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul, Brasil. *Historical Archaeology in Latin América*, Rio Grande do Sul, n. 13. p. 99-114.
- SEPP, Antônio. *Continuación de las labores apostólicas*. Buenos Aires: EUDEBA, 1973.
- _____. *Viagem às missões e trabalhos apostólicos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.



Arno Alvarez Kern (1940) é natural de Santo Ângelo/RS. É mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Fez o doutorado e o pós-doutorado em Arqueologia pela École des Hautes Études (Paris, França) em Ciências Sociais. Atualmente, é professor titular dos cursos de graduação e pós-graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS. Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Histórica.

Algumas publicações do autor

KERN, A. A.; JACKSON, R. *Missões ibéricas coloniais: da Califórnia ao Prata*. Porto Alegre: SBPH e CNPq, 2006. v. 1.

KERN, A. A. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KERN, A. A. (Org.). *Arqueologia histórica missioneira*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

KERN, A. A. *Utopias e missões jesuíticas*. Porto Alegre: EDIUFGRS, 1994. v. 1.

KERN, A. A. *Antecedentes indígenas*. Porto Alegre: EDIUFGRS, 1994.